



Silviano Santiago e as memórias de um *Menino sem passado*

Darlan Roberto dos SANTOS ¹

 <https://orcid.org/0000-0002-7268-9340>

SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Menino sem passado é um poema de Murilo Mendes, em que o modernista, nascido em Juiz de Fora, evoca figuras surreais, como a Mãe d'Água e o Saci-pererê, para revisitar sua infância. Esse é também o título do mais novo livro de outro grande escritor mineiro: Silviano Santiago. Em *Menino sem passado (1936-1948)*, o romancista e crítico cultural rememora os primeiros 12 anos de vida, decorridos na cidade de Formiga. Eis, portanto, uma obra memorialística desse autor, fundamental no cenário literário brasileiro. Doutor em Letras pela Sorbonne, Silviano lecionou em universidades norte-americanas e, atualmente, é professor emérito da Universidade Federal Fluminense. Como autor, recebeu, entre outras honrarias, o prêmio Jabuti e o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras.

Na recente obra, publicada em 2021, pela editora Companhia das Letras, Santiago reforça sua crença em uma literatura que nunca é uníssona. As reminiscências, claro, estão presentes. Há o drama familiar do menino que mal sabia andar quando perdeu a mãe; as confissões do garoto que tinha uma conturbada relação com o pai, encontrando refúgio na cultura e nas artes. Tudo isso perpassa as 464 páginas, deste que é o primeiro volume, de um total de sete, prometidos pelo autor, em uma missão quase *proustiana* de conciliar registros particulares e um olhar pungente sobre o mundo.

Nesse aspecto, *Menino sem passado* reparte-se em veredas, nas quais o leitor pode encontrar muito mais que lembranças do tempo de criança. “A vida vivida não é o suficiente” (SANTIAGO, 2021a, n.p) – considera Silviano, sinalizando que sua autobiografia, como era de se esperar, extrapola o “relato de infância” ou o *bildungsroman* estrito.

¹ Doutor em Literatura Comparada, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.
E-mail: fenixdr@gmail.com

Não que essas modalidades literárias sejam algo simplório, ou banal. Conforme Portes (2003), as narrativas da infância e/ou os romances de formação têm um quê de provocação, por instigarem o conhecimento, desafiarem a capacidade da memória e incitarem a linguagem, em suas diversas possibilidades de adequação, quando se trata de reconstruir fatos de um longínquo passado. Ademais, tais relatos exigem, do escritor, uma árdua laboração, já que representam a imersão em um terreno opaco, nebuloso e repleto de fissuras e lapsos, preenchidos por afetos e ficcionalizações. Nas palavras de Bachelard: “A infância se constitui por fragmentos no tempo de um passado indefinido, feixe mal feito de começos vagos”. (BACHELARD, 1988, p. 121)

Assim, Silviano Santiago descortina suas recordações, mas também emprega uma estratégia que, como ensaísta atento à literatura contemporânea, conhece bem: a autoficção. Para ele, “são os processos de hibridização do autobiográfico pelo ficcional, e vice-versa, que contam, ou melhor, são as margens em constante contaminação que se adiantam como lugar de trabalho do escritor” (SANTIAGO, 2008, p.174). Admitida a miscelânea entre realidade e fantasia, cabe-nos abstrair de *Menino sem passado* as impressões do molecote de Formiga – sobre a própria existência e o Brasil das décadas de 1930 e 1940. Dramas particulares e questões de ordem social misturam-se na prosa de Santiago:

Nos anos em que as tropas aliadas combatem as forças nazifascistas no mundo e os indignados cidadãos e cidadãs brasileiros sabotam a ditadura Vargas, moro na casa mandada construir por meu pai – ou pelo vovô Amarante – no número 31 da rua Barão de Pium-i, em Formiga, na região oeste do estado de Minas Gerais. Devido a perturbações hipertensivas na gravidez, mamãe morre de parto no dia 6 de abril de 1938. [...] Em casa, os dois filhos órfãos adoçam os olhos entristecidos das visitas à família enlutada. (SANTIAGO, 2021b, p. 13)

No livro, o escritor refere-se a si mesmo – à criança que foi – como “menino sonâmbulo”: “o menino que se fez sonâmbulo para sobreviver em meio inóspito” (SANTIAGO, 2021, p. 63). O meio hostil que enuncia inclui uma sociedade tensionada pela Segunda Guerra Mundial e a implantação do Estado Novo no Brasil, além de um ambiente familiar não menos árido:

Não há como o pai viúvo saber por onde anda o filho ou a filha quando se responsabiliza sozinho – durante o longo e cansativo dia de trabalho no consultório dentário – por cinco deles e duas delas. Mais tarde – depois de ter feito os quatro filhos do segundo casamento – não poderá saber por onde anda cada um dos onze. Soltos pela cidade, todos e um somos alguém e ninguém. (SANTIAGO, 2021b, p. 22)



Em tão tenra idade, inserido em um meio pouco acolhedor, envolto em traumas, perdas e desencontros familiares, o garoto, então, regozija-se em sonhar acordado, através das histórias em quadrinhos e do cinema – suas primeiras paixões intelectuais:

Boa metáfora para a escrita memorialista está na experiência da criança órfã e sonâmbula em Formiga. Ao se assumir como narrador e protagonista do relato autobiográfico, o menino passa a viver e a conviver com os ascendentes (biológicos e não biológicos) pelo lado Amarante/Santiago/Farnese/Cabral como se estivesse a ler gibis e assistir a filmes para, na realidade, estar a viver e conviver, em cidade pacata, distante dos acontecimentos históricos e dos atores de carne e osso, com a multidão dos habitantes da Terra. Com a sensibilidade precoce, devidamente afinada pela imaginação demente, o sonâmbulo convive com os que sofrem os desmandos e perseguições na ditadura Vargas e com as destruições e horrores cometidos pelos inimigos no contexto da Segunda Grande Guerra. Mesmo se vivida intensamente e em segundo grau pela diuturna e febril invenção, a vida sonâmbula é elemento indispensável à arte da composição literária, de que se vale o narrador para escrever as memórias. (SANTIAGO, 2021b, p. 285)

Nesse entre-lugar, entre o onírico e o real, fundem-se as lembranças e o amor à literatura e a autores como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis e José Saramago, cujas menções perpassam todo o texto.

Silviano havia completado 84 anos há poucos meses, quando *Menino sem passado* chegou às livrarias. A mesma idade que Saramago tinha, quando lançou *As pequenas memórias* (2006). Em comum, a égide do “relato de infância”; reminiscências e conjecturas de dois grandes pensadores, cuja desenvoltura literária passeia por ensaios, poemas, romances e contos, e cujas autobiografias acatam a mesma pluralidade, o entre-lugar ocupado por fatos e ficções:

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido ator inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não falaria, também elas, por terem ouvido contar a outras pessoas. (SARAMAGO, 2006, p. 58)

Como o colega português, Silviano Santiago assume o ofuscamento entre o lembrar, o refletir e o inventar. Na dúvida, abarca todas as searas, em uma obra robusta, não apenas em número de páginas, mas também em experiências compartilhadas e elucubrações, que dão o tom ensaístico no livro. Mestre e crítico do ofício de contar histórias, o autor manipula, com destreza, a arte de recordar, de modo (como expressa o teórico francês Vincent Colonna) que “o escritor continua



sendo o herói de sua história, o pivô em torno do qual a matéria narrativa se ordena, mas fabula sua existência a partir de dados reais, permanece mais próximo da verossimilhança” (COLONNA, 2014, p. 44).

O *Menino sem passado* de Murilo Mendes, escrito há mais de 90 anos, exaltava, em versos, as figuras folclóricas; gabava-se de ter, ainda na infância, substituído o medo pela fascinação. Porém, em tom melancólico, constatava a inevitável perda da inocência. Demonstrava, ainda, a nostalgia do eu-lírico, daquilo que não viveu, como se o tempo de infante não tivesse sido suficientemente povoado por imaginativas aventuras e narrativas extraordinárias, ocasionando a “ausência” de passado – do passado que ele desejaria ter vivenciado com mais intensidade. Paradoxalmente, O *Menino sem passado* de Silviano Santiago transborda em memórias e exaltações; entretanto, os atores centrais não são as figuras mitológicas: “O apetite da imaginação adulta e o desejo da lembrança são ambos alimentados pela sustância de aventura vivida por seres de papel ou de celuloide” (SANTIAGO, 2021b, p. 49). E, assim, tem-se a essência da obra – um misto de reverência aos seus verdadeiros “heróis” (a literatura e o cinema), a menção à terra de origem e aos familiares e o toque de genial crítico literário, que ecoam por toda a narrativa:

Com todas as minhas forças, luto contra o esquecimento. Memória inconsolável, alicerçada em pedras que rolam pelas areias brancas banhadas pelo rio Formiga, construída em sombras mineiras. Palmilhada e respirada, a cidade interiorana de Minas Gerais não coincide, mas se superpõe – ou se subpõe – maravilhosamente às imagens estrangeiras tal como representadas nos gibis, nos filmes e nas séries de cinema. Os universos disparatados não coincidem na cartografia do mundo ocidental e não são conflitantes nem rivais. São memoriosos. Retomo o adjetivo de que se vale Jorge Luis Borges para qualificar o personagem Funes, criado por ele. Nada é passível de ser apagado na memória. (SANTIAGO, 2021b, p. 59)

Ao analisar sua obra (e a própria vida), o autor revela, afinal, que não se esqueceu da criança de outrora, nem de seu espetacular universo de sonhos – creditando a ele o grande adulto que se tornou:

Cresci numa “caverna de signos”, para retomar uma expressão pós-moderna. Não é, pois, por casualidade que me tornei crítico de cinema antes de apreciar a Literatura. Meu primeiro mentor, Jacques do Prado, me disse que a leitura da imagem e do ruído não era suficiente para a boa formação intelectual. Aos quinze anos comecei a ler livros. No clube de cinema, onde o conheci, Jacques me deu como dever de casa a leitura de três autores: Fernando Pessoa, André Gide e Ezra Pound. Não os entendi bem na época. Confesso. Não poderia tê-los entendido. Mas me serviram de patamar da qualidade que eu deveria atingir, caso me dedicasse à escrita fonética, ao livro. (SANTIAGO, 2021a, n.p)



Quanto às reflexões sobre a adolescência e o encantamento pelos livros, só nos resta aguardar pelo próximo volume das memórias de Silviano.



Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COLONNA, Vincent. Tipologia da autoficção. In: NORONHA, Jovita M. G. (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 39-66.

PORTES, Francine Dugast. Le récit d'enfance et ses modèles: esquisse d'un bilan. In: CHEVALIER, Anne. DORNIER, Carole. *Le récit d'enfance et ses modèles*. Caen: Université de Caen Basse-Normandie, 2003.

SANTIAGO, Silviano. [Entrevista a] Antonio Gonçalves Filho. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/359077/1a-parte-da-biografia-de-silviano-santiago-e-exemplo-de-grande-autor-memorialista>. Acesso em: 18 mar. 2021a.

SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. *Aletria*, Minas Gerais, v. 18, p.173- 179, jul./dez. 2008.

SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.

SARAMAGO. *As pequenas memórias*. Tradução de Luiz Gonçalves. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em 19 de março de 2021.

Aprovado em 14 de julho de 2021.